

O FOLHETIM

PUBLICAÇÃO DIARIA DE ROMANCES

DIRIGIDA POR VISCONTI COARACY E SANTOS CARDOSO

ASSIGNA-SE na Rua do Hospício 85	Preço da assignatura por mez	Para a Corte 1\$000	AS ASSIGNATURAS começam no 1.º de cada mez
		Para as Províncias... 1450	

A BASTARDA.

SEGUNDA PARTE

JOANNA E MAGDALENA

XII

O INTERROGATORIO.

(Continuação.)

O fim dessa segunda parte do interrogatorio es-
capava á penetração do Sr. de Vezay.

A sua inquietação e a sua agitação febril, que
tocavam quasi ao delirio, geravam-lhe montros no
cerebro.

A si proprio perguntava elle se acaso o accusa-
riam tambem da haver assassinado sua mulher, e
comsigo mesmo dizia que seria uma accusação ter-
rivel, pois — como desmentil-a?

O promotor publico ergueu a cabeça e prosseguiu :

— Amava á Sra. de Vezay, Sr. conde?

— Perdidamente.

— E ella amava-o tambem?

— A duvida, a esse respeito, não me é permit-
ida...

— O seu lar domestico devia ser excellente...

— Poderia servir de modelo a todos os da pro-
víncia...

— Nunca uma nuvem sombreou esse céo?

— Nunca.

— Da parte do senhor nunca houve ciume?

— A Sra. de Vezay era uma santa, acima de toda
a suspeita...

— A malidicencia e a calunia atacam ás vezes
com desaforada impudencia as mais perfeitas uniões...

Nunca sucedeu isso em relação aos senhores?

— Não o comprehendo, Sr. promotor...

— Eu me explico. — Não lhe chegou aos ouvidos
nenhuma denuncia caluniosa a respeito da Sra. de
Vezay?

— Não, senhor...

— Não lhe disseram, por exemplo, ou não lhe es-
creveram, que sua mulher tinha um amante?...

— Ninguem se atreveria a fazel-o, senhor!...

— A malidicencia atreve-se a tudo, principalmente
quando usa do anonymo... Um covarde, que se abriga
em impenetravel mysterio, compraz-se ás vezes em di-
lacerar o coração de um homem de brio...

— Não aconteceu isso comigo, senhor... Mas a
que proposito...?

— A proposito do seguinte : — Tinha eu alguma
razão para acreditar que o senhor houvesse, com ou
sem razão, suspeitado culpados amores entre a Sra.
de Vezay e o visconde de Villedieu...

O promotor interrompeu-se e cravou no conde um
olhar penetrante e inquisidor.

Sob esse olhar, viu-o estremecer.

O juiz de instrucción com dificuldade continha o
contentamento que lhe ia na alma.

A principio, vira-se forçado a appellar energica-
mente para o respeito devido á hierarchia judiciaria,
afim de conter as manifestações de sua impaciencia
em presença das fórmulas demasiado polidas, na sua
opinião, e excessivamente condescendentes do promotor
publico.

Agora, porém, fazia inteira justiça ao seu supe-
rior, e a si proprio confessava que o Sr. de Pesse-
lières seguia perfeitamente os rodeios e meandros por
onde se deve passar quando se quer aportar as malhas
da rede em que um accusado desprevenido gada vez
mais se emaranha.

Ora, o juiz de instrucción apostaria agora, com
francos contra cem soldos em como o Sr. de Vezay
teria de comparecer perante o tribunal do jury, e o
jury responderia — Sim — unanimemente, quanto á
questão do assassinato.

Talvez achem os nossos leitores que o juiz de
instrucción adiantava-se demasiado...

Enganam-se.

Aquelle homem possuia um faro subtil.

Não se é impunemente juiz de instrucción.

Além de que, o promotor era realmente hábil na
sua profissão.

Aquelle acervo de perguntas, apparentemente in-
significantes na maior parte, tendiam todas a um
fim unico.

Para servir-nos de uma expressão estratégica, o
magistrado acabava de estabelecer as suas trincheiras
cobertas.

Ia agora *desmascarar* as suas baterias.

— Sr. conde, disse elle lentamente e apoiando, para bem dizer, em cada uma de suas palavras, vou dizer-lhe quaes são as accusações que pesam sobre o senhor.

« O senhor é accusado de haver, na noite de 20 de setembro de 1820, assassinado em um dos corredores deste castello, das duas para as tres horas da manhã, o visconde Armando de Villedieu, por quem sentia o mais violento ciume...

— Protesto! exclamou o Sr. de Vezay com toda a energia da indignação.

— Depois da perpetração do crime, proseguiu o promotor, o senhor pensou nos meios de fazer desaparecer o cadaver do seu amigo intimo; ocorreu-lhe a idéa de sepultal-o em um dos tumulos de seus antepassados, e transportou-o para os subterraneos funerarios de sua familia... — Nega isto, Sr. conde?...

O estado do Sr. de Vezay naquelle momento teria inspirado profunda commiseração ao seu mais mortal inimigo.

As pupilas lhe rolavam convulsivamente nas orbitas, grossas bagas de suor lhe orvalhavam a fronte calva, os musculos do semblante lhe tremiam.

Seus labios se agitaram e a sua voz balbuciou esta palavra indistincta:

— Nego...

— O corpo do Sr. de Villedieu deve achar-se ao lado de um caixão de chumbo, em uma sepultura aberta, sobre a qual não tornaram a pôr a tampa de marmore... — Ainda nega?...

— Nego...

— Onde estão as chaves dos subterraneos?

— As chaves... não sei.

— Como! o Sr. conde não sabe?

— Como havia de saber-o?... — Ha vinte e cinco annos... talvez mais... que não se tem entrado nesses subterraneos...

— Acha que sim?

— Tenho a certeza...

O promotor apresentou aos olhos do Sr. de Vezay duas chaves enferrujadas.

— Conhece estas chaves? perguntou-lhe.

O homem que se acha em presençā de um espetro deve ter um olhar menos espantado do que o do Sr. de Vezaz naquelle momento.

— Não... respondeu elle entretanto; não as conheço...

— Abrem certamente as duas portas que conduzem aos subterraneos... Venha, Sr. conde...

— Aonde? exclamou o Sr. de Vezay.

— Aos subterraneos funerarios.

— E que quer o senhor fazer alli?

— Proceder, em sua presençā, á visita dos tumulos...

— Não vou!... não vou!...

— E porque não vai, Sr. conde?

O conde não respondeu.

O promotor publico repetiu a pergunta.

O Sr. de Vezay tomou uma resolução subita.

— Pois sim! murmurou elle; confess... o senhor

encontrará o corpo... Não me conduza, porém, aos subterraneos...

— O senhor confessa o assassinato? perguntou o promotor, ao passo que um sorriso triumphante assomava aos labios do juiz de instruçāo.

— Não assassinei o Sr. de Villedieu!...

— Mas... matou-o?

— Matei-o, sim, mas em duello.

— Em duello?

— Lealmente, — frente á frente, — espada contra espada...

— Um corredor de castello é um lugar singularmente escolhido para um duello, Sr. conde!...

— Não foi em um corredor que nos batemos.

— Onde foi então?

— No parque, — junto á portinha contigua ao pavilhão de caça...

— A's duas horas da manhã?

— A's duas horas da manhã, sim.

— O senhor estava sem duvida á espera do visconde?

— Estava.

— Apezar da medonha tempestade de que nos fallou?

— Ah! que me importava a tempestade?...

— Eu acreditava, porém, segundo as suas proprias palavras, que o Sr. de Villedieu era seu intimo amigo...

— Tinha-o sido, replicou o conde com voz surda.

— E já o não era?

— Não.

— Tinha-o então offendido gravemente?

— Tinha.

— Que offensa era essa?

O Sr. de Vezay não respondeu.

O promotor continuou:

— Tornemos ao duello: o senhor fallou-me em espadas... Foi então á espada que se bateram?

— Foi.

— O visconde trazia nesse caso uma espada?

— Não, mas eu levava duas...

— Na previsāo desse combate?

— Sim.

— O visconde succumbiu immediatamente?

— Após cinco ou seis minutos de luta encarniçada.

— E caiu redondamente morto?

— Não. Teve tempo para pronunciar algumas palavras, e entregar-me uma carteira...

— Que continha essa carteira?

— Papeis de familia.

— E que fez della o senhor?

— Fiz com que fosse entregue a seu filho.

— Como?

— A carteira foi levada ao castello de Villedieu e posta em cima de um movel onde devem tel-a achado.

(Continua no proximo numero.)

O THESOURO DOS ASSASSINOS

PROLOGO

Por fins do outono de 185... perpetrhou-se no departamento do Senna-Inferior um crime atroz, que diffundiu grande panico naqueles sitios.

Foi o caso que um tabellião de Bolbec, regressando de uma feira nos arrabaldes, appareceu assassinado na estrada real, não se lhe encontrando as consideraveis quantias de dinheiro e importantissimos papeis de que se soube que era portador.

A justiça, logo que teve conhecimento do facto, poe-se em campo para descobrir os autores.

Soube-se que no dia ao do assassinato estivera o tabellião em um botequim de Bolbec de conversa com dous individuos, os quaes de ha muito gozavam de má reputação.

O inquerito, dirigido por magistrado habil, não tardou em produzir contra os dous referidos sujeitos os mais seguros indicios de criminalidade, sendo por isso capturados, e depois do mais minucioso processo preparatorio, julgados perante os tribunaes de Ruão.

Um dos criminosos, chamado Rigaut, era um miseravel de baixa esphera, que já fôra por vezes condenado pelos crimes de burla e roubo.

Elle proprio teve de confessar que só vivia do jogo, por quanto era notorio que não havia mercado ou feira onde Rigaut não aparecesse para alli pôr em pratica toda a especie de estratagema, com que astuciosamente extorquia aos lavradores o producto da venda dos seus generos e gados.

Sobre elle, pois, recahiam as principaes suspeitas do crime, asseverando-se que o melhor quinhão do roubo lhe deveria ter pertencido.

O outro accusado, tambem jogador, chamava-se Bertomy.

Fôra n'outro tempo rendeiro de uma herdade, mas achava-se arruinado em consequencia da sua desordenada paixão pelo jogo.

Ausente constantemente da herdade e entregando ao abandono os negocios domesticos, cahira na insolvencia das rendas, até que foi despedido, e, em vez de procurar outro qualquer modo de vida entregou-se á mais ociosa vadiagem.

Foi então que estabeleceu relações com Rigaut, chegando os dous a tornar-se inseparaveis.

Não obstante, Bertomy tinha uma familia digna de respeito e compaixão. Sua mulher, que lhe levava um bom dote, fizera todas as diligencias para o meter em bom caminho, e muitas vezes, com as suas economias, pagou ella as dividas do marido.

Quando, porém, o viu expulso da herdade, re-

conheceu a necessidade de reservar para os filhos os restos do seu dote.

Solicitou e obteve judicialmente a separação de bens, ao que o marido se não oppoz, e foi estabelecer-se em Fécamp com seus dous filhos : uma menina, então de dezesseis annos, e um rapaz de quatorze, surdo-mudo de nascença.

Durante alguns annos, a Bertomy pouco importou a familia. Não obstante, quando por acaso ia á cidade, não deixava de os visitar, manifestando-lhes tal ou qual affeiçao. Ouvia com docilidade as arguições misturadas de lagrimas de sua mulher, e promettia-lhe firmemente abandonar o jogo e voltar a ocupar-se do trabalho honesto.

Pelo que respeitava aos filhos, dirigia-lhes caricias e não deixava de lhes fazer alguns presentes.

Por isso as suas visitas eram sempre ardente mente desejadas, e, quando se despedia, deixava-os na expectativa do cumprimento das suas promessas; decorriam, porém, os dias e os meses sem que elle renunciasse á sua vida errante, cujos mysterios se ignoravam.

Foi n'esta alternativa que a infeliz Bertomy, cansada de sofrer, rendeu a alma ao Creador, meses antes de se ter consummado o assassinato em que seu marido estava implicado, e por isso deixou de experimentar mais esse terrivel golpe. Apesar da deterioração que sofrera nos seus haveres, deixou ella ainda a seus filhos um pequeno rendimento, que devia polos ao abrigo das primeiras necessidades.

Tambem elles não abandonaram o pai naquella situação.

Logo que lhes constou achar-se preso, foram velo ao carcere, e no dia do julgamento assistiram á audiencia vestidos de luto.

Josephina Bertomy tinha então vinte annos. Era uma esbelta e formosa rapariga, daquelles typos normandos de robustez tradicional. Posto que de cabellos louros, tinha olhos pretos de uma vivacidade meridional, em que transluzia singular exaltação.

Os magistrados e o jury conservaram muito tempo depois a lembrança daquella expressiva figura, tão nobre e poetica, e tambem a presença de Miguel Bertomy, o surdo-mudo, pobre rapaz, que pouco comprehendia do que alli se passava, mas em cujo rosto se via o reflexo da dor intima, era mais um motivo que devia influenciar favoravelmente na sentença do accusado, e, se por um lado as circumstancias do proceso provocavam a indignação contra o pai, por outro faziam redobrar a commiseração para com os filhos.

E' para acreditar que a indulgencia relativa da sentença tenha sido devida á presenca commovente dos dous irmãos, por quanto a discussão consignou a circumstancia attenuante de Bertomy ter cedido á influencia de Rigaut, perverso consummado, e o qual com boas razões se suppunha não ser aquelle o primeiro assassinato que commettera.

Com effeito, Rigaut exercia sobre o seu complice uma certa autoridade, o que Bertomy se não atreveu a negar perante os juizes.

Tambem o castigo foi distribuido proporcionalmente ao grau de criminalidade, e, enquanto Rigaut foi

condenado a trabalhos forçados por toda a vida, Bertomy foi-o apenas por vinte annos, em vista do jury ter dado como provadas as circumstancias attenuantes apresentadas pela defesa deste.

Muitas circumstancias deste crime ficaram ignoradas.

Nem antes nem depois do julgamento se pôde saber o destino dos importantes papeis de que o tabellião era portador na occasião do assassinato, e que interessavam a uma rica familia daquella província.

Os dous accusados, persistindo sempre em negar o crime, não podiam deixar de guardar segredo a tal respeito, porque o contrario correspondia a confessarem-se culpados.

Debalde foram interrogados separadamente, de balde se lhes fizeram promessas de recompensa e por ultimo ameaças. Bertomy, menos enraizado no crime do que o seu companheiro, e por isso mais accessível ao arrependimento, teria talvez cedido, se não fosse o receio que manifestamente lhe inspirava Rigaut.

Este negocio judiciario, porém, depois de ter causado grande sensação, não só no departamento como em todo paiz, em breve caiu no esquecimento.

Os dous condenados foram, em virtude da sentença, transportados a Cayenna, e os seus nomes, que nos primeiros tempos andaram de boca em boca, apagaram-se afinal da memoria de todos.

A situação de Miguel e de Josephina Bertomy não podia deixar de ser tristissima.

Sós no mundo, depois da condenação de seu pai, as duas criaturas só podiam contar consigo. Felizmente, Josephina, não obstante a sua pouca experencia, era uma mulher de um alcance e energia pouco vulgares.

Mandou logo seu irmão para uma escola de Ruão, afim de aprender a ler e escrever, e, como a mensalidade do collegio quasi lhe absorvia os seus rendimentos, decidiu-se a procurar uma nova fonte de receita.

Estabeleceu, pois, proximo ao cais de desembarque em Fécamp uma loja, onde vendia fatos e diversas mercadorias proprias para o uso dos marinheiros.

A sua beleza, modestia e carácter triste proporcionaram-lhe grande freguezia.

Não havia maritimo que, partindo para a pesca do bacalháo ou dos arenques, não fosse munir-se das suas provisões na loja da «Camponeza», como lhe chamavam, e, posto não tivesse outra protecção além da de uma criada, que a ajudava no seu commercio e no arranjo domestico, nunca qualquer dos seus rudes freguezes lhe dirigiu uma palavra inconveniente ou um gesto menos attencioso.

Nestas circumstancias, via ella prosperar o seu pequeno commercio, que, posto não pudesse vir a dar uma fortuna, ao menos lhe permittia esperar honestamente dias mais felizes.

Assim decorreram quatro annos. Josephina, não obstante a insulaçao em que vivia e a desagradavel recordação a que o seu nome estava ligado, ter-se-hia podido casar, porquanto se lhe ofereceram alguns partidos vantajosos, os quaes todos ella rejeitou sob diversos pretextos.

Animada e agradavel para com a generalidade dos freguezes, tornava-se triste e taciturna quando desacompanhada. A saude parecia não ter perdido nada da sua robustez, porém conservava certa palidez, divisando-se-lhe nos olhos um brilho fóra do natural.

Recebia ella frequentes cartas, cuja leitura lhe produzia uma exaltação mysteriosa. Evidentemente Josephina Bertomy achava-se sob a influencia de uma idéia fixa, e meditava algum plano, cuja natureza se não tinha podido prever.

Seu irmão tambem lhe causava alguns cuidados pela negação que manifestava para a vida sedentaria e monotonha do collegio. Chegado á idade adulta, tornava-se-lhe em urgencia a actividade physica. Manifestava decidida tendencia pela vida do mar; o seu maior regosijo, no tempo de férias, era ir ao mar nos barcos de pesca para se exercitar nas manobras.

Adorava a irmã, que tinha sobre elle um imperio absoluto; obedecia-lhe cegamente em circumstancias normaes, mas as saudades da terra natal que experimentava em Ruão, traduzindo-se-lhe n'uma enfermidade de espirito, venceram a repugnancia que tinha em affligir a joven tutora.

Duas vezes escapou do collegio, saltando por cima dos muros e indo a pé apresentar-se a Josephina, que teve de o reconduzir sob sua vigilancia á cidade por elle execrada.

Ultimamente, em consequencia de algumas reprehensões que ella lhe deu, Miguel escapuliu-se para bordo de um navio, proximo a partir para uma viagem de longo curso, sendo preciso que Josephina o fosse buscar ao meio da tripulação para o fazer regressar á casa.

Todas estas contrariedades concorreram para acabar de excitar-lhe o espirito, lançando-a n'um estado que por vezes dava indicios de desvario.

Com tudo, por finis da epoca de que nos ocupamos, Miguel Bertomy tendo-se escapado pela terceira vez do collegio de Ruão, Josephina não tratou mais de o fazer regressar alli.

Tinha elle então dezoito annos, sabia ler e escrever, conhecia os elementos das sciencias naturaes e finalmente possuia uma educação litteraria que poderia considerar-se o bastante para um surdo-mudo.

Miguel, com a mais viva satisfação, obteve de sua irmã licença para ficar em Fécamp, e o que é mais é que, em lugar de lhe contrariar d'ahi em diante aquellas tendencias, deixou-lhe toda a liberdade para ir ao mar e adquirir todos os conhecimentos praticos indispensaveis a um marinheiro.

Dar-se-ha caso que esta subita mudança nas idéias da joven tivesse alguma relaçao com os planos que ella tão reservadamente meditava?

Eis o que em breve saberemos, porquanto esta summaria narraçao é apenas um preambulo em relaçao á importante historia de que passamos a ocupar-nos.

FIM DO PROLOGO.

(Continua no proximo numero.)

EXPEDIENTE

Agradecendo aos Illms. Srs. assignantes que têm satisfeito as importancias de suas assignaturas, rogamos áquelle que ainda o não fizeram o obsequio de as mandar entregar ao escriptorio do *Folhetim*, rua do Hospicio 85.

Em tempo tambem avisamos ás pessoas que querem continuar a receber o *Folhetim* que a remessa da folha será suspensa, desde que a assignatura não seja reformada com precedencia.

OS EDITORES.